

Renda cresce, mas falta de insumos ameaça a produção

Priscila Machado

A oferta de defensivos agrícolas no País não será suficiente para atender a demanda por defensivos agrícolas. A afirmação foi feita por Cristiano Simon, presidente da Câmara Temática de Insumos Agropecuários do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Consagro/Mapa).

Segundo ele, no segundo semestre a situação deve se agravar, já que a escassez de matéria-prima é um problema global e o Brasil não é auto-suficiente na produção. Simon destacou ainda que o cenário resultará num problema para as empresas do setor, que terão uma demanda muito superior a oferta.

Como resultado, a Basf já anuncia que precisará aumentar os preços de seus produtos. De acordo com a empresa, esse reajuste se faz necessário para que ela possa, pelo menos, reaver seus níveis de rentabilidade. "Porém, alguns dos aumentos de matérias-primas ainda não foram transferidos para o mercado, o que poderá ocasionar reajustes no segundo semestre de 2008."

O aumento é considerado uma consequência do aquecimento da economia e dos insumos básicos utilizados na cadeia de abastecimento, principalmente em produtos que têm como base o petróleo ou derivados.

O aumento da produção de alimentos tem demandado cada vez maiores volumes de insumos. No caso dos defensivos a estimativa é a de que nos últimos dois anos a procura pelo produto tenha aumentado cerca de 40%. A estimativa de renda agrícola para 2008, de R\$ 156,7 bilhões, deve pressionar ainda mais a indústria nos próximos meses.

De acordo com Carolina Magnabosco, da Scot Consultoria, a oferta hoje é restrita e a tendência é piorar com a entrada da safra. "Várias pessoas que eu tenho consultado disseram que fizeram pedidos em junho para chegar em setembro, que é o pico da demanda com o início do plantio, ou seja, muitas empresas estão sem o produto, aguardando a encomenda", disse a consultora. Magnabosco explica que a China, principal produtora do glifosato, que é matéria-prima para vários herbicidas, tem diminuído as exportações para abastecer o mercado interno. "Além disso a demanda mundial aumentou bastante e o Brasil compete com outros países na hora de fazer essa aquisição", disse.

Fertilizantes

Apesar dos recentes anúncios de investimentos privados e estatais no setor, os preços do produto continuam pressionando o produtor. Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), de janeiro a julho, o Brasil comprou US\$ 19,1 bilhões em produtos químicos, sendo que US\$ 5 bilhões, ou seja, 26,5% desse valor foram gastos na aquisição de matéria-prima para a fabricação de fertilizantes.

Enquanto o incremento na receita chegou a 132%, em volume, o aumento foi de apenas 6,1%.

Nesta semana o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, afirmou que a Petrobras poderá construir duas unidades de produção de fertilizantes nitrogenados, sendo uma em Mato Grosso e uma outra da Região Sudeste. "Queremos ser menos vulneráveis em fósforo e potássio. Hoje importamos 91% do potássio que usamos, mas temos boas perspectivas com duas jazidas em Sergipe, novas ocorrências no recôncavo baiano e grandes promessas na região de Nova Olinda", disse o ministro.

Renda agrícola

A previsão da renda agrícola em 2008 é de R\$ 156,7 bilhões, registrando um acréscimo de 17% em relação ao ano passado, já descontada a inflação do período. Os dados foram divulgados ontem pelo Mapa.

Dos produtos analisados o feijão apresentou o maior incremento de renda em relação ao ano passado: 89,4%. Entre as commodities o destaque foi o café com uma alta de 48,1%, seguido por trigo (44,3%), milho (32,2%) e soja (31,3%). "Esses produtos caracterizam-se por apresentarem elevado aumento de renda e de preços simultaneamente", analisa o coordenador de Planejamento Estratégico do Mapa, José Garcia Gasques.

A cana-de-açúcar, por sua vez, mesmo com um aumento de produção de 14,2% em 2008, apresenta redução de renda de 11,5% ou R\$ 19,2 bilhões, decorrente dos menores preços do produto neste ano.

Leia mais:

Safra mundial de trigo será recorde com 671 mi de toneladas em 2008/09

A safra mundial de trigo será recorde em 2008/2009. A estimativa é do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), que elevou em 1% a sua previsão em relação à projeção do mês passado, o que deve elevar os estoques globais para o seu maior nível em três anos. O USDA projetou a produção global de trigo em um recorde de 670,8 milhões de toneladas, alta de 6,5 milhões de toneladas na comparação com a estimativa do mês passado. Em relação a 2007/2008, o mundo deverá produzir 60,2 milhões de toneladas a mais.

Uma safra maior representará um salto nos estoques finais globais, para 136,2 milhões de toneladas, crescimento de 3,1 milhões em relação ao mês passado, o patamar mais alto desde 2005/2006. Analistas previam um aumento na produção global de trigo, uma vez que o tempo tem sido favorável para a promover um aumento na produtividade. Além disso, os preços recordes incitaram os agricultores a expandirem seu plantio.

Um salto na produção dos 27 países integrantes da União Européia, na Índia, Rússia, Ucrânia e nos Estados Unidos mais do que compensou reduções na Argentina e no Afeganistão. A Argentina, entre os principais exportadores globais, tem sido atingida por seca e por incertezas relacionadas às políticas de exportação do governo, que impediram os produtores de semear mais. O Afeganistão tem sofrido uma severa seca e deverá ter a necessidade de elevar as importações de trigo, segundo o USDA.

Enquanto isso, os Estados Unidos, tradicionalmente os maiores exportadores, respondendo por 22% do mercado mundial, devem exportar menos que os 12 países integrantes da ex-União Soviética em 2008/2009. O USDA prevê exportações dos EUA em 08/09 em 27,2 milhões de toneladas, contra 28,3 milhões de toneladas dos países integrantes da ex-União Soviética.

Outros países da região do Mar Negro, a Rússia e a Ucrânia, devem ampliar suas exportações em 08/09. O governo dos EUA elevou a suas estimativas para cada país em 1 milhão de toneladas em relação à previsão do mês passado: a Rússia deverá exportar 13,5 milhões e a Ucrânia, 8,5 milhões.

Os fornecedores do Mar Negro estão ganhando mercado de exportadores tradicionais como Estados Unidos, Canadá, União Européia, Austrália e Argentina, que respondem geralmente por cerca de 70% do mercado global, considerando a vantagem de frete mais barato para embarcar o produto para países do Norte da África e Oriente Médio.

Leia mais:

Milho e soja americanos se refazem de enchentes

As safras de milho e soja dos Estados Unidos, o maior produtor mundial desses grãos, contornaram o problema das inundações de junho previsto pelos investidores, uma vez que condições climáticas "ideais" ajudaram em sua recuperação, segundo informou ontem o Departamento de Agricultura do país (USDA).

As pesquisas junto a agricultores dos estados afetados pelas enchentes, concluídas depois que as águas baixaram, mostraram que a produtividade das áreas de cultivo de milho saltou para 155 bushels por acre (9,8 toneladas por hectare), 4,4% mais que o estimado em julho. O aumento puxou a projeção da safra norte-americana de milho para 12,288 bilhões de bushels (312,12 milhões de toneladas), volume 4,9% superior à projeção do mês anterior. A safra de soja totalizará 2,973 bilhões de bushels (80,9 milhões de toneladas), disse o USDA, quantidade apenas 0,1% inferior à projeção do mês passado.

"As abundantes precipitações e as temperaturas, que beiraram os níveis normais ou se mostraram inferiores a eles, ofereceram condições praticamente ideais para o milho e a soja do Centro-Oeste", disse o USDA. Cerca de 11 mil produtores rurais dos estados norte-americanos de Illinois, Indiana, Iowa, Minnesota, Missouri e Wisconsin foram contatados para a sondagem, concluída em julho e agosto, disse o Departamento.

As enchentes no Centro-Oeste norte-americano, as piores dos últimos 15 anos, deixaram inundados mais de 3,4 milhões de acres (1,38 milhão de hectares). As plantações, nos campos empapados, foram destruídas, ameaçando aumentar os preços dos alimentos, cuja alta o USDA já tinha antecipado para até 5,5% este ano, a maior desde 1989.

Fonte: DCI, São Paulo, 13 ago. 2008. Empresas & Negócios, p. B3.